

## Os jornais cariocas e as notícias de homicídios na primeira década do século XX

The Rio newspapers and the news of homicides in the first of the twentieth century

Thiago Torres Medeiros da Silva \*

**Resumo:** No presente artigo analisaremos os jornais cariocas que publicavam as notícias de homicídios na primeira década do século XX. A crescente divulgação das notícias envolvendo crimes está inserida no bojo das transformações sofridas pelos periódicos. Nos primeiros anos do século XX, a imprensa havia superado a sua fase artesanal e iniciara seu processo de massificação. Ao principiar esta nova fase, os jornais adotaram outra lógica de atuação ao buscarem atrair novos leitores com o objetivo expresso de alavancar o número de vendas. Sendo assim, a intensificação de notícias sobre homicídios é parte expressiva desta estratégia. A tarefa de narrar os assassinatos era compartilhada por todos os grandes jornais da capital federal. Entretanto, cada um deles dedicava um espaço distinto no corpo do jornal. Nesse sentido, objetivamos apresentar algumas diferenças estilísticas na maneira de compor o noticiário criminal. Por fim, analisaremos algumas características que estiveram presentes nas narrativas de homicídios.

**Palavras-chave:** imprensa, Rio de Janeiro, homicídio.

**Abstract:** In this article, we intend to analyze the Rio newspapers that published the news of homicides in the first decade of the twentieth century. The growing dissemination of news about crimes is part of the transformations suffered by the newspapers. In the early years of the twentieth century, the press had overcome its artisanal phase and began its process of massification. At the beginning of this new phase, the newspapers adopted another logic of action as they sought to attract new readers with the express purpose of leveraging the number of sales. Thus, the intensification of homicide news is an expressive part of this strategy. The task of narrating the murders was shared by all the major

---

\* Doutorando em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ/PPGHIS).

newspapers in the federal capital. However, each one of them dedicated a distinct space in the body of the newspaper. In this sense, we aim to present some stylistic differences in the manner of composing the criminal news. Finally, we will analyze some characteristics that were present in the homicide narratives.

**Keywords:** press, Rio de Janeiro, murder.

## Introdução

Ao descrever o estágio do jornalismo nos primeiros anos do século XX, Luiz Edmundo observa que “a política não interessa a essa gente. Também não interessa a literatura. Boas novas são as que relatam os grandes crimes, as que descrevem grandes desgraças. Para ouvi-las duplicam-se os ouvidos” (EDMUNDO, 2003, p.85). Dessa forma, nota-se que as notícias de crimes tinham mais apelo popular do que os informes sobre os desdobramentos políticos. Por conseguinte, neste artigo, pretendemos analisar os jornais cariocas que publicavam as notícias de homicídios na primeira década do século XX.

Mas quando precisamente surgiram as primeiras notícias retratando os casos de assassinato na imprensa brasileira? De acordo com Ana Porto, o noticiário criminal no Brasil apareceu sob a forma de crônicas judiciárias. Estas eram inspiradas nas encontradas na imprensa francesa e versavam sobre as audiências dos julgamentos dos crimes ocorridos na cidade, relatando minuciosamente a fala dos agentes jurídicos e o testemunho dos envolvidos nos processos. Entretanto, como alega Porto, “na década de 1870 no Brasil, as crônicas judiciárias não eram uma forma comum nos jornais. Alguns crimes, entretanto, já eram foco da atenção pública” (PORTO, 2009, p.24).

Além disso, o aparecimento de notícias sobre os crimes ocorridos na cidade também se deu em desdobramento ao grande sucesso alcançado pelos folhetins.<sup>1</sup> De acordo com Nelson Werneck, “o folhetim era, via de regra, o melhor atrativo do jornal, o prato mais suculento que podia oferecer, e por isso o mais procurado” (SODRÉ, 1999, p.242-243). Werneck Sodré observa que o hábito de ler o folhetim era disseminado por toda a família, sendo permitida até a presença de mulheres (SODRÉ, 1999, p.242-243).

---

<sup>1</sup> O folhetim é uma narrativa literária seriada. Os romances eram bastante divulgados na imprensa no formato de folhetim. Nesse período, desfrutavam de enorme prestígio entre o público, as obras dos autores franceses Xavier de Montépin e Pouson Du Terrail. Vale ressaltar que a divulgação desses folhetins era compartilhada por todos os grandes jornais da cidade do Rio de Janeiro.

Segundo Nelson Werneck Sodré, *O Diário do Rio de Janeiro* foi o precursor neste tipo de abordagem. Fundado em 1821, *O Diário* “foi o primeiro jornal informativo a circular no Brasil” (SODRÉ, 1999, p.50). Em suas páginas não eram discutidas questões políticas, pois de acordo com Sodré, o *Diário do Rio*:

ocupava-se quase tão somente das questões locais, procurando fornecer aos leitores o máximo de informação. Inseria informações particulares e anúncios: aquelas tratavam de furtos, assassinios, demandas, reclamações, divertimentos, espetáculos, observações meteorológicas, marés, correios; estes tratavam de escravos fugidos, leilões, compras, vendas, achados, aluguéis e, desde novembro de 1821, preços e gêneros (SODRÉ, 1999, p.50).

E quais eram os periódicos que apresentavam os casos de homicídios perpetrados na cidade do Rio no início do século XX? Ao que nos parece, a tarefa de narrar os assassinatos era compartilhada por todos os periódicos da capital federal. Entretanto, cada um deles dedicava um espaço distinto no corpo do jornal.

### *Jornal do Brasil e o Correio da Manhã*

Ao que nos parece, o *Jornal do Brasil*<sup>2</sup> foi o periódico que mais noticiou os homicídios na primeira década do século XX. Neste período eram os diretores e proprietários da folha os irmãos Fernando Mendes e Cândido Mendes.<sup>3</sup> Estes irmãos, como nos informa Edmundo, apesar do laço consanguíneo que os uniam, não compactuavam do mesmo credo político. Fernando era republicano e Cândido, monarquista. De acordo com Luiz Edmundo, este fato é revelador do caráter ambíguo do jornal que em determinadas situações não se posicionava claramente. Edmundo ao descrever os membros do jornal, ressalta que a maioria dos que trabalhavam na redação era condecorada com patentes militares.

No tempo em que os irmãos Mendes estiveram à frente do periódico, o *Jornal do Brasil* incorporou algumas mudanças que foram determinantes para o seu crescente

---

<sup>2</sup> O *Jornal do Brasil* foi fundado 1891. De acordo com Tânia de Luca “por simpatizantes da monarquia que optaram por levar a cabo uma oposição moderada” (LUCA, 2011, p.159).

<sup>3</sup> Entre o período de 1894-1919 o *Jornal do Brasil* foi propriedade da firma Mendes e Cia. Durante esse período o redator chefe era Fernando Mendes de Almeida, filho de um senador do Império e graduado em Direito. (MATTOS, 2008, p.110-111).

sucesso. O jornal anteriormente, quando estava sob a direção de Rui Barbosa, era distinguido pelos debates políticos acalorados.<sup>4</sup>

Em contraposição, nos primeiros anos do século XX o *Jornal do Brasil* se caracterizava por dar grande espaço às notícias informativas em detrimento das opinativas. Entre estas notícias que visavam informar à população dos acontecimentos ordinários, destaca-se a crescente divulgação dos assassinatos desenlaçados na cidade. Segundo Romulo Mattos, o “diário de maior tiragem na cidade costumava ocupar mais de 50% do seu noticiário com os crimes sanguinolentos, as notícias hediondas e as tragédias cotidianas” (MATTOS, 2008, p. 110-111).

A mudança na estratégia editorial do *Jornal do Brasil* obteve grande sucesso, pois era ele o periódico mais lido da cidade. Em consequência, nota-se claramente que a divulgação dos assassinatos contribuiu largamente para a conquista do prestígio do jornal frente aos setores populares. Nessa nova fase, o *Jornal do Brasil* se intitulava defensor dos interesses do povo, buscando se desvencilhar do passado em que esteve estreitamente vinculado às questões políticas<sup>5</sup>. Esta escolha de dedicar bastante espaço para a divulgação dos crimes ocorridos na cidade era responsável diretamente pela popularidade dos periódicos, além de ampliar “o público desses impressos em níveis impensáveis anteriormente” (BARBOSA, 2010, p.118).

Para Luiz Edmundo o *Jornal do Brasil* também era afamado por outros atributos. Segundo o cronista, este periódico, no começo do século XX, possuía as melhores máquinas de impressão e a melhor oficina de gravura (EDMUNDO, 2003, 592). Os leitores do *Jornal do Brasil* eram “basicamente trabalhadores, os pequenos comerciantes, os militares de baixa patente e os moradores dos subúrbios e bairros centrais, além de mulheres e presidiários” (MATTOS, 2008, p.110-111).

Em relação ao modo de expor os homicídios, o *Jornal do Brasil* foi o pioneiro na utilização de subtítulos. Este era um recurso empregado com o fito de resumir os pontos

---

<sup>4</sup> Segundo Eduardo Silva, desde a proclamação da República o *Jornal do Brasil* percorreu três fases mais ou menos distintas. A primeira delas foi sob a chefia de Rodolfo Dantas e ficou comumente conhecida como o “Jornal Monarquista” (1891-1893). Posteriormente, sob a tutela de Rui Barbosa, o “Jornal Legalista”, ferrenho opositor à ditadura do Marechal Floriano (1893-1894) e defensor fervoroso da Constituição. Por último, o “Jornal Popular” (1898-1918), o período que abarca o recorte cronológico deste artigo, principalmente pela crescente divulgação dos assassinatos praticados no cotidiano da capital federal. Importante salientar que uma característica unia estas distintas fases do periódico: a oposição aos governos instaurados pelo novo regime. (SILVA, 1988, p.41- 42).

<sup>5</sup> Em especial, uma coluna do *Jornal do Brasil* ilustra a crescente divulgação dos problemas vivenciados pelas camadas populares. Trata-se das “Queixas do Povo”. Segundo Eduardo Silva, esta coluna pretendia dar voz ao discurso da “maioria silenciada”. (SILVA, 1988, p.50).

abordados, facilitando o entendimento do leitor.<sup>6</sup> A apresentação desses subtítulos põe em relevo a origem popular dos seus leitores, pois a anunciação de “palavras soltas e separadas por traços gráficos, normalmente em travessão, a síntese da notícia parece indicar uma leitura titubeante de quem ainda não está familiarizado com as letras impressas” (BARBOSA, 2010, p.123).

Segundo Luiz Edmundo, na alvorada do século XX o jornal já era muito prestigiado pelas camadas populares, sendo inclusive alcunhado de popularíssimo (EDMUNDO, 2003, p. 583-584). Antes da construção da Avenida Central, a sua oficina e redação estavam estabelecidas na Rua Gonçalves Dias.

De acordo com Ana Ottoni, o *Jornal do Brasil* se notabilizou pelo emprego de um linguajar mais próximo do falado no cotidiano da cidade. Em outras palavras, ao descrever os assassinatos, este periódico costumava inserir alguns diálogos entre os personagens da cena de sangue. Por conseguinte, esta estratégia adotada pretendia simplificar a assimilação do conteúdo pelo leitor, sobretudo aqueles que não tinham tanta intimidade com as palavras impressas. Além da adoção de um vocabulário em consonância com o vivido pelos estratos populares, este periódico, segundo Ottoni, introduziu uma “estrutura novelesca nas reportagens que incluía ilustrações e um texto que se assemelhava a uma narrativa ficcional sensacionalista” (OTTONI, 2007, p.19).

O *Jornal do Brasil* apresentava inúmeras fotos e ilustrações em suas edições. Era comum que alguns desenhos simulassem o desenrolar do crime e também a fisionomia da vítima e do acusado. Nota-se que no início da década há uma maior profusão de ilustrações e gravuras nas páginas do *Jornal do Brasil* do que em relação aos outros periódicos. Já no decorrer da primeira década do século XX, principalmente depois da primeira metade, os demais jornais começaram a publicar com maior intensidade imagens em seus exemplares. Contudo, o *Jornal do Brasil* foi o pioneiro na exploração destes recursos no noticiário criminal.

Os homicídios eram noticiados em diferentes partes do jornal, pois não existia um espaço reservado para os acontecimentos criminais. Sendo assim, era comum que alguns assassinatos fossem publicados na capa do jornal. No entanto, percebemos que as notícias de crimes sangrentos apareciam mais regularmente na segunda página. Esta estratégia

---

<sup>6</sup> Que jornal tem, primeiro, ideia de se insurgir contra a estólida tradição do título solitário, morno, sedido, arejando-o, dando-lhe caráter, interesse, valor, com a criação de irrequietos e sugestivos subtítulos? O *Jornal do Brasil*. O interesse que essas pequeninas novidades acordam no espírito do público, até então habituado a normas das velhas gazetas portuguesas! (EDMUNDO, 2003, p.592). Mais adiante apresentaremos alguns desses subtítulos.

adotada poderia dificultar que os leitores visualizassem as notícias sem comprar os exemplares.

Em alguns casos, as imagens referentes aos crimes eram publicadas na capa do jornal, mas os pormenores eram tratados nas páginas seguintes. Esse modo de confecção do noticiário criminal revela o quanto eram importantes estas notícias para a venda dos periódicos. Assim sendo, “a introdução de um conceito de manchete, a sucessiva edição de ilustrações e fotografias na capa, tudo isso faz parte de uma estratégia para alcançar um público mais vasto” (BARBOSA, 2010, p.172).

O *Correio da Manhã* era também outro periódico de grande porte que retratava, em número considerável, os casos de homicídios ocorridos na cidade.<sup>7</sup> Diferentemente de Edmundo, Nelson Werneck ressalta que o “órgão popular por excelência” era o *Correio da Manhã*. Este, desde o ano de sua fundação, em 1901, se apresentava como um jornal crítico e opositor ao governo.

O *Correio da Manhã* vinha romper, efetivamente, o cantochão de louvores ao governo Campos Sales que presidia a política de estagnação, onerando terrivelmente as classes populares. Quebrava a placidez aparente, alcançada pelo suborno, pela sistematizada corrupção, institucionalizada a compra da opinião da imprensa. (...) o jornal de Edmundo Bittencourt foi, realmente, veículo dos sentimentos e motivos da pequena burguesia urbana, em papel dos mais relevantes. Quebrou a monótona uniformidade política das combinações de cúpula, dos conchaves de gabinete; levantou sempre o protesto das camadas populares, na fase histórica em que a participação da classe trabalhadora era mínima. Através desse caminho, vindo de baixo, portanto, é que se transformou, e depressa, em empresa jornalística (SODRÉ, 1999, 287).

Assim sendo, nota-se que este periódico desde o seu surgimento rapidamente caiu no gosto do público, principalmente no das camadas populares. Apesar disso, acreditamos que a assertiva de Edmundo está em maior consonância com a realidade do período do que a afirmativa feita por Werneck Sodré. Os indícios levam a crer que o *Jornal do Brasil* era a folha mais popular da cidade do Rio de Janeiro na primeira década do século XX.

Em especial, podemos inferir este dado por ser o *Jornal do Brasil* o periódico mais mencionado nos depoimentos presentes nos processos criminais referentes aos

---

<sup>7</sup> O *Correio da Manhã* foi fundado em 1901, por Edmundo Bittencourt.

assassinatos ocorridos na primeira década do século XX. Isso porque em diversos autos processuais nos deparamos com testemunhas que declararam que haviam lido a notícia do crime neste periódico. A título de exemplo, no dia 10 de fevereiro de 1902, quando Victoriano Estevão foi assassinado na Praia do Caju foi aberto inquérito policial na 8ª circunscrição urbana para investigar os possíveis autores do crime. Como era comum, algumas pessoas foram intimadas para prestar depoimento na sede da delegacia. Entre elas estava presente José Antônio, pescador de 36 anos e residente próximo ao local do crime. Esta testemunha declarou que nada tinha visto do conflito, e deste só soube no dia seguinte quando leu o *Jornal do Brasil*<sup>8</sup>.

Um caso em particular nos revela que a leitura do *Jornal do Brasil* estava sedimentada no cotidiano da cidade. No dia 26 de novembro de 1900, o mestre da lancha “Isabel”, Joaquim Fernandes Porto, munido de um cabo de vassoura assassinou o mestre da lancha “Mosca”, Domingos Martins da Silva. Esse crime ocorreu por volta das seis horas da manhã em uma ponte situada nas Docas Nacionais e no mesmo dia várias testemunhas foram intimadas, principalmente os trabalhadores que ali se achavam, para prestarem os seus depoimentos. O negociante português Manoel de Oliveira da Silva Neves declarou na delegacia que estava neste local “lendo o *Jornal do Brasil* quando viu e ouviu os mestres das lanchas discutindo”. Vale ressaltar que existem outros depoimentos em situações semelhantes aos casos apresentados, portanto, podemos inferir que era este o periódico que mais repercutia no cotidiano da cidade.<sup>9</sup>

O *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã* eram os periódicos mais difundidos na cidade do Rio de Janeiro, pois circulavam com “maior expressividade entre grupos populares e também junto às mulheres” (BARBOSA, 2010, p.222). Em consequência, era o *Correio da Manhã* o segundo jornal mais lido da cidade, ficando atrás somente do *Jornal do Brasil* no quesito de circulação. Contudo, segundo afirma Rômulo Mattos, entre os jornais cariocas, o *Correio da Manhã* “era o mais consumido no interior fluminense e em outros estados, como Minas e São Paulo, sendo lido em maior número pelos moradores dos subúrbios, seguidos pelos do centro e da Tijuca” (BARBOSA, 2010, p.96).

Como já foi lembrado, o rápido sucesso alcançado pelo *Correio da Manhã* advinha do grande espaço dado à divulgação de temas que estavam diretamente relacionados aos

<sup>8</sup> Arquivo do Museu da Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Réu: José Índio; Ação: Homicídio; Ano: 1902. f.57.

<sup>9</sup> Em outro processo o advogado do réu baseou a sua defesa em uma notícia publicada no *Jornal do Brasil*. Arquivo do Museu da Justiça do Estado do Rio de Janeiro. Réu: José Maria Exposto; Ação: Homicídio; Ano: 1901. f.68. Se por um lado este fato revela o quanto o noticiário criminal influenciava no desenrolar do processo, por outro, é possível afirmar que havia estreita relação entre os funcionários da imprensa com as autoridades policiais e judiciárias. Um precioso indicativo desta proximidade era quando os repórteres se tornavam testemunhas de um processo criminal.



interesses dos setores populares. Desde a sua gestação este diário se intitulava como um órgão de oposição, sendo por isso adotada uma estratégia nítida de condenação das medidas tomadas pelo governo que interferiam bruscamente na vida dos habitantes da cidade.

Esta estratégia de se manter em oposição ao governo foi o fator preponderante para a crescente popularização do *Correio*. Lima Barreto descreve o aumento de popularidade do *Correio da Manhã* de forma emblemática, pois de “dia para dia, o jornal crescia em venda. Todos o liam; era o jornal dos desgostosos, dos pequenos empregados, dos *ratés* de todas as profissões e também dos ricos que não podem ganhar mais e dos destronados das posições e das honras” (BARRETO, s/d, p.109).

Através desse fragmento, podemos observar que os leitores do *Correio da Manhã* eram oriundos de diversas classes, pois englobava entre eles trabalhadores de ocupações variadas. De acordo com Rômulo Mattos, eram os leitores deste diário de origem semelhante aos consumidores do *Jornal do Brasil*, porém eles se distinguiam, sobretudo, pela decisão editorial do *Correio* de “motivar uma maior pulverização de seu público entre operários, profissionais liberais, políticos, militares, homens de negócio e funcionários públicos” (MATTOS, 2008, p.96).

Lima Barreto ressalta a independência do *Correio da Manhã* em relação aos demais periódicos da capital federal, especialmente no que tange ao relacionamento destes jornais com o poder público. Para o cronista, até a fundação do *Correio* era mais simples para o governo comprar a opinião favorável destes impressos e “subvencionados, a crítica em suas mãos ficava insuficiente e covarde. Limitavam-se aos atos dos pequenos e fracos subalternos da administração” (BARRETO, s/d, p.86). Nesse sentido, estes jornais e, logo, os jornalistas, exerceriam somente um papel de disseminação dos ideais governistas.

Em contraposição, o *Correio da Manhã* se opunha a este tipo de procedimento até então largamente difundido na imprensa da capital federal. Em sua linha editorial, este periódico pretendia revelar os bastidores políticos e as mensagens veiculadas nos artigos influenciavam diretamente no comportamento do público. Sendo assim, nos momentos de maior efervescência social, onde ocorriam alguns motins populares na cidade, era comum que o *Correio* manifestasse apoio a estas causas.

Contudo, mesmo que o *Correio* representasse uma “voz dissonante no coro que aplaudia o então presidente Campo Sales” (LUCA, 2011, p.163), em algumas situações as suas reportagens se assemelhavam às encontradas nos demais periódicos. Essa proximidade era evidenciada principalmente no noticiário dos assassinatos desenlaçados na cidade.



### *Gazeta de Notícias, O Paiz e A Notícia*

Os relatos envolvendo casos de homicídios também estiveram presentes nas páginas da *Gazeta de Notícias*. Ao que nos parece, os jornais que mais noticiaram os homicídios ocorridos na cidade foram: *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, *Gazeta de Notícias* e *O Paiz*. A *Gazeta*, assim como outros periódicos, abrigava entre os seus quadros de funcionários, alguns literatos que escreviam sobre diversos temas do cotidiano da cidade.<sup>10</sup>

A presença de escritores renomados nas redações dos periódicos fazia parte de uma estratégia de divulgação dos jornais na tentativa de atrair outros potenciais leitores. Por sua vez, como salienta Ottoni, “os literatos faziam do jornal um meio de divulgação e de publicação de seus escritos” (OTTONI, 2007, p.16). A *Gazeta de Notícias* parece ter sido o periódico que mais angariou parceiros entre os escritores. Apesar disso, não era incomum que os literatos circulassem pelas distintas folhas.<sup>11</sup> Ainda assim, ao analisarmos a forma de narrar os homicídios, notamos que a *Gazeta de Notícias* era o periódico que apresentava um linguajar mais romanceado em comparação aos demais.

A *Gazeta de Notícias*, durante a primeira década do século XX, era um jornal situacionista. Porém, em 1904, ano da Revolta da Vacina, este periódico, ao se manter ao lado da população amotinada, se posicionou contrariamente às medidas que visavam impor a vacinação obrigatória (LUCA, 2011, p.165).

No que diz respeito à estrutura, a *Gazeta de Notícias* se notabilizava pela introdução de modernas máquinas rotativas que aceleravam o processo de impressão dos exemplares. A partir de 1907, segundo Marialva Barbosa, este periódico inseriu diversas mudanças “gráfico-editoriais e de conteúdo, passando a destacar os crimes monstruosos, a publicar fotos e ilustrações das vítimas mortas e mutiladas” (BARBOSA, 2010, p.230). Porém, em contraposição ao destacado por Barbosa, encontramos notícias de homicídios neste diário ainda nos primeiros anos do século XX, mas neste momento ela ainda não havia empregado imagens na composição das reportagens sobre os assassinatos. Os leitores da *Gazeta* eram oriundos, principalmente, das camadas dominantes (BARBOSA, 2010, p.222).

O *Paiz*, igualmente de grande porte, mesmo dando maior destaque às questões políticas, também noticiava os casos de homicídios que desabrochavam na Capital Federal, ainda que a sua forma de narrar os crimes apresentasse certas peculiaridades. O jornal estava situado na Rua do Ouvidor e com a inauguração da Avenida Central, teve sua sede

<sup>10</sup> A *Gazeta de Notícias* foi fundada em 1875, por José Ferreira de Sousa Araújo. (LUCA, 2011, p.89).

<sup>11</sup> Segundo Flora Sussekind, a *Gazeta de Notícias* pagava salário mensal a Olavo Bilac. Por sua vez, o *Correio da Manhã* também pagava a Coelho Neto e *O Paiz* a Medeiros e Albuquerque. (SUSSEKIND, 2006, p.74).

transportada para este novo logradouro. Ali permaneceu até a década de 1930, quando em consequência dos estragos causados por um incêndio veio a fechar as portas.<sup>12</sup>

Os leitores d'*O Paiz* eram oriundos das classes mais abastadas, sendo mais consumido por políticos e funcionários públicos. Marialva Barbosa ao pesquisar os diálogos estabelecidos entre os leitores e o diário conseguiu esquadriñar a origem social desses missivistas. Entre os principais leitores que enviavam cartas para *O Paiz* destacavam-se jornalistas, literatos e estudantes do ensino superior. Ainda assim, encontravam-se trabalhadores entre estes leitores, sobretudo os empregados no comércio (BARBOSA, 2010, p.222).

*O Paiz*, assim como a *Gazeta de Notícias*, também foi um periódico que ao longo de toda a Primeira República se manteve ao lado do governo. Em termos de circulação, *O Paiz* não obtinha grande expressividade, mas era o jornal preferido pelos grupos dominantes, sendo por isso considerado um jornal tradicional. No entanto, apesar de seu caráter conservador, era este periódico também consumido pelas mulheres (BARBOSA, 2010, p.222).

Segundo Marialva Barbosa, na primeira década do século XX, os quatro jornais mencionados, juntamente com o *Jornal do Commercio*, alcançaram o significativo número de 150 mil exemplares comercializados. Estes números os qualificavam como os periódicos mais importantes da capital federal (BARBOSA, 2010, p.41).

Vale ressaltar que as notícias sobre os homicídios não estavam restritas apenas aos periódicos mencionados. Estes foram selecionados tão somente por dedicarem um maior espaço para os assassinatos. Rui Barbosa, editor-chefe do jornal *A Imprensa*, condenava a divulgação de crimes, a linguagem empregada e o excessivo interesse por escândalos pelos quais os diários concorrentes entravam em constantes disputas (GARZONI, 2011, p.172). Entretanto, para além da opinião de Rui Barbosa, percebemos que as notícias sobre homicídios também estiveram presentes nas páginas deste periódico.<sup>13</sup>

Este fato demonstra o quanto o noticiário criminal estava difundido na imprensa do período e que, a partir deste momento, para conquistar um maior número de leitores, os jornais precisariam dedicar maior espaço “a um tipo de notícia que, até então, estivera relegada a segundo plano: a de natureza policial. Com o mesmo objetivo observa-se a difusão do folhetim” (BARBOSA, 1997, p.90).

---

<sup>12</sup> *O Paiz* foi fundado em 1884, sendo diretor neste período Quintino Bocaiúva, “figura eminente do periodismo republicano” (LUCA, 2011, p.87).

<sup>13</sup> “O Samba da morte”, *O Paiz*, 05/07/1909, p.3.

A *Notícia* também esteve presente entre os principais periódicos veiculadores dos crimes na capital federal. De acordo com Edmundo era “dos vespertinos da cidade, o mais simpático, o mais lido e o de maior tiragem” (EDMUNDO, 2003, p.595). O jornal estava estabelecido na Rua do Ouvidor, como a maior parte dos jornais da época e onde também se concentravam as editoras.<sup>14</sup> Este periódico, desde a sua fundação, se dedicou prioritariamente a divulgar notícias informativas (tais como os assassinatos e os acontecimentos ordinários do cotidiano da cidade) em detrimento das que versavam sobre os debates políticos (LUCA, 2011, p.160).

Assim como o *Jornal do Brasil*, *A Notícia* também foi citada por algumas testemunhas em seus depoimentos prestados nos processos criminais baseados nos homicídios desenlaçados na capital federal. Isso acontecia principalmente quando os crimes ocorriam na madrugada e não eram retratados pelos jornais matutinos.

Em particular, um processo ilustra o que estamos sugerindo. Quando o menor Victor Júlio de Souza Magalhães, vulgo “Jagunço”, foi encontrado degolado na Ilha dos Melões surgiram algumas suspeitas que incriminavam o praça do Exército Vicente Ferreira da Cruz. O anspeçada<sup>15</sup> do Exército, Mariano Rodrigues da Silva, apontou o cabo Vicente como o provável autor deste homicídio. Isso porque um indivíduo tinha contado para Mariano que o acusado andava propalando que havia se vingado da vítima. Em consequência, Mariano “procurou ver se os jornais da manhã noticiavam alguma coisa que houvesse sucedido a Jagunço”, porém não conseguiu achar nenhuma notícia que revelasse o paradeiro da vítima. Apesar disso, “Mariano ao ler de tarde *A Notícia* viu que infelizmente” a vítima havia sido assassinada.<sup>16</sup>

Consequentemente, por ser *A Notícia* um jornal vespertino, era comum, nessas circunstâncias, que estes crimes fossem narrados previamente por esta folha. Esse fator foi determinante para que *A Notícia* fosse mencionada pelas testemunhas em alguns dos processos analisados.

O preço dos jornais analisados se equiparava, pois, todos os exemplares avulsos custavam 100 réis. Como nos informa Marialva Barbosa, este era o valor “de uma passagem de bonde ou a travessia da barca Rio-Niterói” (BARBOSA, 2010, p.124). Este pequeno custo evidencia que era viável para os trabalhadores, principalmente os mais pobres, adquirirem os exemplares. Deste modo, nota-se que a leitura dos jornais era parte constitutiva do

---

<sup>14</sup> *A Notícia* foi fundada em 1894.

<sup>15</sup> Antigamente esse era o nome do soldado graduado em cabo.

<sup>16</sup> Arquivo Nacional. Notação: OR. 1772. Pretoria do Rio de Janeiro 8ª (Freguesia de Santana), f.13.

cotidiano dos habitantes da capital federal. Os jornais eram vendidos por pequenos jornaleiros, e também eram comercializados nos quiosques da cidade.

O preço módico dos exemplares também nos revela que os jornais teriam que competir incessantemente na busca de alavancar suas vendas. A conquista de um público mais amplo era a meta principal destas folhas e elas constantemente rivalizavam entre si.

A concorrência entre os periódicos era bastante acirrada na primeira década do século XX. O *Jornal do Brasil*, o diário mais lido da cidade, teve sua hegemonia ameaçada após o aparecimento e a rápida ascensão do *Correio da Manhã* em 1901. Estes dois jornais disputavam fervorosamente a preferência do público. Por sua vez, *O Paiz* e a *Gazeta de Notícias* ao tentar alcançar um maior número de consumidores fizeram de “suas páginas verdadeiros libelos de denúncias contra o jornal de Edmundo Bittencourt e contra o novo *Jornal do Brasil*.” (BARBOSA, 2010, p.122-123).

Como já foi assinalado, juntamente com o *Jornal do Commercio*, estes eram os impressos mais importantes da cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Esse panorama não sofreu grandes alterações com o término da primeira década desta centúria, pois o *Jornal do Brasil* permaneceu com a sua primazia inalterada, entretanto, o seu principal adversário, o *Correio da Manhã*, conseguiu cativar um maior número de leitores em relação ao período anterior. *O Paiz* também avançou neste quesito, pois houve uma maior adesão de leitores a esta folha. Em contrapartida, este período foi marcado pelo declínio da *Gazeta de Notícias*, principalmente se comparada aos outros periódicos (BARBOSA, 2010, p.222).

### **O homicídio nas páginas dos impressos: algumas disparidades e outras semelhanças**

De acordo com Ana Porto, foi ao longo da primeira década do século XX que as notícias sobre crimes invadiram as páginas dos jornais e passaram a ganhar maior destaque (PORTO, 2003, p.32). A valorização das notícias envolvendo crimes está inserida no bojo das transformações sofridas pelos periódicos. Nos primeiros anos do século XX, a imprensa havia superado a sua fase artesanal e iniciara seu processo de massificação. Ao principiar esta nova fase, os periódicos adotaram outra lógica de atuação ao buscarem atrair novos leitores com o objetivo expresso de alavancar o número de vendas. Sendo assim, a intensificação de notícias sobre homicídios é parte expressiva desta estratégia.

Ana Porto observa que na década de 1910 os periódicos ampliaram o número de páginas, abrindo possibilidades para o incremento de novos assuntos. “Entretanto, os

novos temas não surgiram e assuntos já antigos como as notícias de crime passaram a ocupar cada vez mais as páginas desse jornal” (PORTO, 2003, p.118).

Ana Ottoni nos dá indícios de que até o findar do século XIX, as notícias sobre crimes apareciam apenas esparsamente ao longo do jornal, mas no começo do século XX elas “passaram a ganhar mais espaço nas folhas e um espaço organizado racionalmente com o intuito de criar e atender a uma demanda do mercado em formação” (OTTONI, 2012, p.11).

E como as notícias criminais preenchem os espaços dos jornais? Segundo Porto, a formatação das notícias foi bastante similar no decorrer das duas primeiras décadas do século XX, “as notícias de crime apresentavam as ‘chamadas’ em destaque – característica inexistente em anos analisados anteriormente, sendo que no ano de 1910, essa chamada vinha acompanhada de um resumo do crime” (PORTO, 2003, p.33).

Como abordado pela autora, as notícias de crimes expunham títulos que eram acompanhados por palavras-chave empregadas para situar o leitor sobre o fato ocorrido, construindo um breve panorama do relato. Porém, ao observarmos os periódicos da capital federal, percebemos que esta característica já era comum nos primeiros anos do século XX, sobretudo no que diz respeito ao *Jornal do Brasil*.

Assim sendo, podemos assegurar que os resumos eram bastante utilizados pelos repórteres na confecção de suas notícias nos primeiros anos do século XX. Pode ser que esta característica não estivesse presente em todos os periódicos como posteriormente se notabilizaria, mas já era comum o seu emprego. Ao que tudo indica, o *Jornal do Brasil* foi o precursor na adoção deste tipo de estratégia. Em comparação aos demais periódicos, evidencia-se uma maior incidência em suas páginas.

Além disso, o espaço destinado a narrar os crimes de homicídios não apresentavam uma regularidade em sua extensão. Isto revela que cada caso de homicídio tinha uma intensidade distinta e este potencial era explorado pelos periódicos de formas variadas. Em outras palavras, existiam casos de homicídio que causavam maior repercussão do que outros e, logo, os jornais demandavam maior espaço a estes homicídios em relação àqueles. Deste modo, em última instância, o que definia a dimensão da reportagem sobre estes casos era o potencial atrativo que exerciam sobre as classes populares. Ou seja, o destaque dado a uma determinada notícia era fomentado em virtude da demanda popular.

Além de criarem títulos chamativos e subtítulos que resumiam os crimes, os periódicos trouxeram algumas novidades proporcionadas pelo desenvolvimento tecnológico e material vivenciado na primeira década do século XX. De acordo com Ottoni,

foi, sobretudo, neste momento “com a crescente concorrência entre as empresas jornalísticas, que assistimos a uma ampliação substancial das páginas policiais, além de uma profusão de fotos e ilustrações tipicamente chamativas” (OTTONI, 2007, p.34). A partir de então os jornais passaram a exibir em abundância fotografias e ilustrações dos homicídios perpetrados no cotidiano da cidade. Vale ressaltar que havia certas diferenças na intensidade no emprego destes instrumentos.

As imagens eram bastante utilizadas em crimes que monopolizavam a atenção da cidade. Segundo Ottoni, estas notícias foram batizadas pelos jornalistas de “sensacionais” e invadiram as páginas dos jornais da cidade do Rio no início do século XX. “Nesta época, os periódicos passavam a destacar, em manchetes graficamente chamativas e em páginas inteiras editadas com grande quantidade de ilustrações e fotografia, o que eles chamavam de ‘crimes horríveis e monstruosos’” (OTTONI, 2012, p.39).

De acordo com Marília Oliveira, a utilização de imagens e ilustrações na composição dos relatos dos jornalistas tinha a finalidade de “causar sensação’ no público leitor, dando maior realismo às narrativas jornalísticas por oferecer rostos aos protagonistas da história” (OLIVEIRA, 2014, p.109). Porém, na primeira década do século XX a difusão de imagens não estava presente em todos os casos de homicídios relatados na imprensa. Estas estavam restritas tão somente aos casos de maior repercussão na cidade. Isso porque existia um problema de dimensão técnica que impossibilitava a maior difusão de imagens nas páginas dos jornais.

Nesse sentido vale ressaltar que ao analisarmos os crimes descritos na imprensa, notamos que nem todos os homicídios eram caracterizados como crimes sensacionais. Esta constatação foi determinada em função da existência de uma abordagem diferenciada pelas quais os jornalistas<sup>17</sup> narravam as distintas práticas de homicídios. Em alguns crimes, os repórteres descreviam os pormenores da cena de sangue, os supostos motivos que levaram à perpetração do crime, os depoimentos das testemunhas, o relatório do delegado e até mesmo realizavam entrevistas com o acusado. Além disso, recorriam ao emprego de ilustrações e fotografias.

Entretanto, nem todas as notícias envolvendo assassinatos eram tão ricas em minúcias, havendo casos em que os repórteres descreviam apenas a cena de sangue, sem que a notícia apresentasse qualquer detalhe sobre os indivíduos. Em última instância, podemos conjecturar que algumas práticas de homicídios causavam maior repercussão na

---

<sup>17</sup> De uma maneira geral, utilizo este termo – jornalista – para me referir aos indivíduos que ocupavam os cargos de repórteres policiais. Importante destacar que os jornalistas do início do século XX não tinham formação acadêmica em jornalismo. Em sua grande maioria, eram jovens universitários que ingressavam na imprensa em busca de sua subsistência.

cidade e monopolizavam a atenção do público. Sendo assim, os repórteres ambicionavam suprir a curiosidade dos leitores com o detalhamento do caso.

Não obstante, outra particularidade sinaliza diferenças nas abordagens sobre o homicídio na imprensa. Como já foi ressaltada, no início do século XX a imprensa tinha tomado proporções de empresa capitalista e a profusão de notícias de crimes estava inserida em uma lógica de mercado. A presença de homicídios nas páginas dos jornais intensificou-se neste contexto. Contudo, devemos levar em consideração que os jornais apresentavam estas notícias sob ângulos muito distintos.

Segundo Marcos Bretas, “discutir a violência tendo como fonte o *Jornal do Comércio*, o *Correio da Manhã*, ou *A Noite* pode levar a resultados bastante diversos” (BRETAS, 2002, p.18). Partindo desta advertência feita por Bretas, observamos diferentes estratégias na confecção das notícias por parte dos periódicos. Com o fito de exemplificarmos as diferentes maneiras dos repórteres abordarem um fato criminal selecionamos alguns trechos em especial.

Antes de partirmos diretamente para a fala dos repórteres, vale a pena sintetizar os acontecimentos que desabrocharam no crime. Miguel Daniel namorava às escondidas em virtude dos pais da moça não consentirem com a união do casal. Então, teve Daniel a ideia de combinar com a sua amada de fugirem juntos, com o intuito de consumarem o matrimônio. Daniel, entretanto, tinha contado a um amigo do seu intento de cometer o rapto. Este, por sua vez, contou à família da namorada os planos do casal. Ao ficar ciente da atitude do seu amigo, Daniel investiu contra ele fazendo uso de uma navalha ferindo-o gravemente.

Sendo assim, após tentarmos construir um pequeno resumo do conflito amoroso, abordaremos algumas diferenças encontradas nas narrativas de diferentes periódicos, neste caso o *Paiz* e a *Gazeta de Notícias*. Primeiramente, vejamos como *O Paiz* noticiou o desenlace do conflito:

Enfurecido, o namorado jurou vingar-se e, ontem, encontrando-se com Custódio, após tremenda alteração, tirou do bolso uma navalha e vibrou três profundos golpes no contendor.

O ofendido caiu por terra e aos apitos de socorro compareceu o inspetor Bayrão, da 3ª delegacia urbana que, prendendo o ofensor em flagrante, fez remover o ferido para a Santa Casa de Misericórdia em estado grave.<sup>18</sup>

---

<sup>18</sup> “Navalhadas”, *O Paiz*, 09/04/1905, p.2.



Vale a pena observarmos como a *Gazeta de Notícias* narra o momento do crime. Segundo o repórter:

Saía Custódio de sua residência, no n.128, quando a figura de Miguel surgiu-lhe a frente. Impedindo-lhe os passos.

- Que me queres?

- Isto, bradou Miguel, ao mesmo tempo que, navalha em punho, investia para Custódio e lhe atirava o primeiro golpe, que o atingiu na mão esquerda, posta em defesa do pescoço, visado pelo valente namorado. Segundo golpe foi talhar o peito de Custódio e o terceiro a cabeça, fazendo-o cair a escorrer sangue.<sup>19</sup>

Ao contrapormos as matérias dos respectivos jornais, nota-se que o jornalista d' *O Paiz* deu menor ênfase nas minúcias e descrições dos golpes, trazendo uma linguagem mais sóbria e distante do fato.<sup>20</sup> Por sua vez, a *Gazeta de Notícias* relatou o caso de forma mais detalhada ao construir uma narrativa semelhante às histórias encontradas nos romances, com a apresentação de diálogos, dando a impressão de que o repórter esteve presente no momento da cena do crime. Em outras palavras, o jornalista parece construir seu relato de forma direta, como expectador da contenda. Acreditamos que a *Gazeta de Notícias* expunha esse relato mais romanceado em vista de abrigar literatos em sua redação. No entanto, importante salientar, os literatos também colaboravam com os demais periódicos da grande imprensa, ou seja, sua presença não estava restrita somente a *Gazeta*, porém, esta folha parece ter angariado maiores parceiros entre os escritores.

Esta maneira de relatar o crime de forma direta, com a exposição de diálogos e o emprego de uma linguagem coloquial, era introduzida para simplificar a notícia para o leitor e também como uma maneira de atrair novos leitores e ouvintes para suas edições. De acordo com Valéria Guimarães, quando os escritores incorporam estes recursos na elaboração da notícia conseguem “atingir com muito mais eficácia, inclusive aos que não sabem ler, aos que apenas ouvem nas leituras em grupo as histórias destes crimes” (GUIMARÃES, 2002, p.9).

<sup>19</sup> “Amor e navalha”, *Gazeta de Notícias*, 09/04/1905, p.3.

<sup>20</sup> Marília Rodrigues de Oliveira também evidenciou isto em seu trabalho: “A história de Edina e Paulo foi apresentada ao público pelo jornal *O Paiz* de forma bastante distinta do caráter melodramático presente nas narrativas dos jornais *Correio da Manhã*, *A Época*, *A Noite*. O jornal que adotava um perfil mais conservador de jornalismo e resistia à onda de transformações que marcavam a imprensa do século XX fornecia aos leitores uma abordagem mais objetiva do caso”. (OLIVEIRA, 2014, p. 98).

Dessa forma, podemos inferir que os relatos sobre crimes contidos na *Gazeta de Notícias* em comparação aos relatos d' *O Paiz* eram mais palatáveis e iam ao encontro do interesse do público leitor e ouvinte, pois apresentava um linguajar mais próximo do cotidiano da cidade. Ao mesmo tempo, a forma de narrar o crime apresentada por este periódico era bastante influenciada pelos romances que desfrutavam de enorme sucesso neste momento.

Além disso, a *Gazeta de Notícias*, o *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã*, dispendiam maiores espaços para os relatos sobre os acontecimentos criminais. No entanto, mesmo um jornal conservador como *O Paiz* também noticiava os homicídios ocorridos na cidade.

Para além das distintas maneiras de narrar um homicídio, os jornais “muitas vezes, com linhas editoriais e públicos aparentemente diversos (...) possuíam identidade de conteúdo e mensagens. E isso também não acontecia por acaso” (BARBOSA, 1997, p.92). Este fato é bastante elucidativo da representação do jornalismo no período. Mesmo que os jornais tivessem suas particularidades na elaboração das notícias criminais, em alguns casos estas narrativas se mostravam bastante similares.

Em uma notícia de assassinato, os repórteres das distintas folhas cariocas produziram enredos sobre a contenda que se aproximaram claramente. Na noite do dia 23 de março de 1904, em Vargem Pequena, Freguesia de Jacarepaguá, Antônio Rodrigues de Oliveira, um senhor de 65 anos, assassinou o vizinho que havia invadido sua casa. Este homicídio foi noticiado pela imprensa alguns dias após o conflito e foi abordado por três periódicos da cidade.

Todas as reportagens foram unânimes em inocentar o velho Rodrigues por sua atitude homicida. *O Paiz* inicia a narrativa dizendo que por bastante tempo Rodrigues vivia na localidade em um pequeno sítio de sua propriedade. Neste sítio, Rodrigues e sua mulher Leonarda Maria de Sant'Anna cuidavam de “uma pequena lavoura, que lhes dava a subsistência”.<sup>21</sup> Por sua vez, o *Jornal do Brasil* avaliou o acusado Rodrigues da seguinte maneira, “muito trabalhava na rude faina de lavrador, (...) naquele sítio nascera, ali passou a infância, a adolescência, e trabalhando sempre pôde agora no inverno da vida, adquirir um pequeno sítio”.<sup>22</sup>

Em contraposição, o seu vizinho não foi retratado da mesma forma elogiosa pelos periódicos. “Nos arredores, porém possuía igualmente uma pequena lavoura o pardo Severino de tal, homem de 50 anos de idade, rixoso e valente e que, por causa de uma

---

<sup>21</sup>“Desfecho imprevisto”, *O Paiz*, 28/03/1904, p.1.

<sup>22</sup>“Cena de sangue”, *Jornal do Brasil*, 28/03/1904, p.1.

discussão que com aquele tivera se tornara seu inimigo”.<sup>23</sup> Relato similar ao noticiado pela *Gazeta de Notícias*, segundo esta folha, “era tido como mau homem o indivíduo que se chamava Severino e que na noite de 23 do corrente foi assassinado em Jacarepaguá”.<sup>24</sup>

Através destes fragmentos, nota-se que em alguns casos os jornais construíam discursos que partilhavam de uma matriz comum. Neste caso em específico, as folhas prontamente absolveram o assassino por sua prática homicida. Para tanto recorreram a um arsenal de adjetivos que descreviam o acusado como trabalhador morigerado e de passado ilibado. Em contrapartida, a vítima foi retratada como um indivíduo “valente”, “rixoso”, o verdadeiro responsável por sua própria morte.

Vale ressaltar que não pretendemos entrar nos pormenores do caso, nosso intuito é tão somente exemplificar como em determinadas circunstâncias as folhas eram unívocas nas formas de expor os homicídios. Este episódio ainda revela uma outra perspectiva possível para a análise dos assassinatos retratados nos jornais. Por meio deste caso, podemos conjecturar que nem todos os homicidas eram execrados pela imprensa, em vista de que em algumas situações eles eram representados de forma positiva.

Em particular, neste caso o jornal enfatizou a espera do velho Rodrigues para conquistar um pedaço de terra para sua subsistência. A valorização da perseverança do velho Rodrigues era endereçada aos outros indivíduos que ainda não contavam com os meios necessários para o seu sustento. Estes deveriam esperar calmamente, sem incomodarem a ordem “natural” do meio social. Em outras palavras, podemos inferir que os jornalistas queriam incutir nos leitores que somente os indivíduos pacíficos e ordeiros conseguiriam alcançar o patamar ao qual chegou o velho Rodrigues, ainda que fosse somente ao final da vida.

Ao que nos parece, a imprensa, independentemente da vertente política pela qual era orientada, relatava os assassinatos apresentando um discurso padronizado, isto é, comum aos inúmeros periódicos. Dessa forma, ao noticiar os crimes ocorridos na cidade, os jornalistas procuravam difundir uma gama de valores e comportamentos assinalados como ideais para o bom funcionamento do organismo social.

Neste período os jornalistas ganharam maior notoriedade e relevo na sociedade carioca captando uma parcela de poder considerável com o desempenho do seu ofício. De acordo com Marialva Barbosa, os jornalistas transformaram-se “em verdadeiro mito social e a escrita era alavanca para ascensão, para adquirir respeitabilidade pública, para ser incorporado ao centro de poder” (BARBOSA, 1997, p.98). Dessa maneira, compreende-se o

<sup>23</sup>“Desfecho imprevisto”, *O Paiz*, 28/03/1904, p.1.

<sup>24</sup> “Assassinato em Jacarepaguá”, *Gazeta de Notícias*, 28/03/1904, p.2.

real motivo da existência de relatos tão próximos que reproduziam enredos similares sobre os envolvidos.

Assim sendo, por defenderem um projeto político comum, raras foram às vezes em que um jornal apresentou um relato sobre um assassinato diferente dos encontrados nos demais periódicos. Com isso, nota-se uma certa limitação na possibilidade do repórter defender um ponto de vista original, sendo mais comum que os discursos fossem compartilhados por diferentes agentes.

Além do mais, outro fator pôde contribuir para a existência de relatos tão próximos. Segundo nos informa Ana Ottoni, havia uma alta rotatividade de funcionários entre os diários, principalmente no que se refere aos cargos inferiores, como era o caso dos repórteres policiais. A autora ressalta, também, que “podia ainda um jornalista trabalhar em mais de um jornal ao mesmo tempo” (OTTONI, 2012, p.47). Sendo assim, podemos supor que um determinado repórter poderia escrever sobre o mesmo caso de homicídio para diferentes periódicos da cidade, o que tornaria mais palatável a descoberta de relatos associados, quase idênticos.<sup>25</sup>

Neste artigo, procuramos analisar os principais periódicos que divulgavam os assassinatos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Em seguida, observamos algumas peculiaridades na maneira dos jornais descreverem os homicídios perpetrados no cotidiano da cidade. Por fim, observamos algumas características que eram comuns nas narrativas de homicídios. Isto é, independentemente das orientações políticas, em determinadas ocasiões os jornais descreviam os homicídios de maneira demasiadamente similar.

### Referências Bibliográficas

BARBOSA, Marialva. *Imprensa, poder e público: os diários do Rio de Janeiro (1880-1920)*. INTERCOM – *Revista Brasileira de Comunicação*. São Paulo, vol. XX, Nº2, pp. 87-102, Jul./Dez. 1997.

BARBOSA, Marialva *História cultural da imprensa. Brasil (1800-1900)*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010.

BARRETO, Lima. *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*. 2ª Ed. São Paulo: Editora Escala. s/d.

---

<sup>25</sup> Vale ressaltar que em alguns processos criminais nos deparamos com alguns funcionários da imprensa que depuseram na delegacia e/ou pretoria. Por conseguinte, nota-se que os jornalistas tinham uma estreita relação com as autoridades policiais e judiciárias.

- BRETAS, Marcos Luiz. As empadas do confeitiro imaginário. A pesquisa nos arquivos da justiça criminal e a história da violência no Rio de Janeiro. *Acervo*, Rio de Janeiro, v. 15, n.01, pp. 7-22, 2002.
- EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Edição do Senado Federal – Vol. 1, 2003.
- GARZONI, Lericce de Castro. Disputas políticas e disputas por leitores: a criação do Correio da Manhã (1898-1901). *Topoi*, v. 12, pp. 158-177, 2011.
- GUIMARÃES, Valéria. Paixão que Mata - leitura popular no início do século XX em São Paulo. *Klepsidra*. Revista Virtual de História, net, v. III, 2002.
- LUCA, Tania Regina de; Martins, Ana Luiza. (orgs.) *História da imprensa no Brasil*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- MATTOS, Romulo Costa. *Pelos pobres! As campanhas pela construção de habitações populares e o discurso sobre as favelas na Primeira República*. Tese de Doutorado em História, PPGH-UFF, 2008.
- OLIVEIRA, Marília Rodrigues. “A tragédia da rua Januzzi”: narrativas sensacionais, justiça, ciência e moral no Rio de Janeiro da Primeira República. Dissertação de Mestrado em História, PUC, Rio de Janeiro, 2014.
- OTTONI, Ana Vasconcelos. *Flores do vício: imprensa e homicídios de meretrizes no Rio de Janeiro (1896-1925)*. Dissertação de Mestrado em História, PPGHIS-UFRJ, 2007.
- OTTONI, Ana Vasconcelos. “O paraíso dos ladrões”: crime e criminosos nas reportagens policiais da imprensa (Rio de Janeiro, 1900-1920). Tese de Doutorado em História, PPGH/UFF, 2012.
- PORTO, Ana Gomes. *Crime em letra de forma: sangue, gatunagem e um misterioso esqueleto na imprensa do prelúdio republicano*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, 2003.
- PORTO, Ana Gomes. *Novelas sangrentas: literatura de crime no Brasil, (1870- 1920)*. Tese de Doutorado em História, UNICAMP, 2009.
- SILVA, Eduardo. *As queixas do povo*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1988.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. 4ª edição com capítulo inédito. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.
- SUSSEKIND, Flora. *Cinematógrafo das letras. Literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Companhia das letras, 1987. 1ª impressão, 2006.

